



Mobilidade social no garimpo: herança ou esforço pessoal?

Social mobility in the Mining (“Garimpo”): inheritance or personal Effort?

João Carlos Barrozo - Doutor em Sociologia, professor do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e coordenador/pesquisador do Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos (NERU)/UFMT. E-mail: cbarrozo@uol.com.br

Resumo

Os garimpeiros de diamante do Alto Paraguai eram filhos de agricultores, vindos predominantemente do Nordeste. De lá foram expulsos pela seca, pelo latifúndio, pela pobreza e atraídos pelo sonho de enriquecer no garimpo. A herança social não é determinante, mas tem um grande peso para os filhos. Muitos herdaram a posição social dos pais, continuando no garimpo, dependendo da “sorte”, ou da vontade divina. Mas outros romperam este círculo vicioso, pelo esforço próprio e com o apoio da rede familiar. A segunda e a terceira gerações, filhos e netos, que estudaram e se qualificaram, construíram uma trajetória social ascendente, escapando da herança social dos pais e avós.

Abstract

The diamond miners of Alto Paraguai were sons of peasants, coming predominantly from the Brazilian Northeast. They were driven by drought, by large landowners, by poverty and attracted by the dream of getting rich with mining. Social inheritance is not decisive, but it has a great weight for descendants. Most of them, inherited the social status from their parents, continuing in mining, depending on the “luck” or the divine will. But others broke this vicious circle, by their own efforts and with the support of the family network. The second and third generations, children and grandchildren, who studied and qualified, built an upward social trajectory, escaping the social heritage from parents and grandparents.

Palavras-chave

Palavras-chave: Garimpo. Trajetória Social. Escolarização. Mobilidade Social.

Keywords

Keywords: Mining. Social Trajectory. Education. Social Mobility.

INTRODUÇÃO

Este artigo enfoca os garimpos de diamante de Alto Paraguai, antiga “corrutela” do Gatinho, situada nas cabeceiras do rio Paraguai, no estado de Mato Grosso (BARROZO, 2008). A mineração em lugares situados no entorno da sede do município de Alto Paraguai, começou com a exploração do ouro, no início do século XVIII. Poucos anos depois a Coroa Portuguesa proibiu a mineração naquelas “minas”, porque os mineradores acharam diamantes, cuja exploração era proibida. No início do século XIX, com a permissão do governo, os mineradores voltaram a explorar ouro e diamante no mesmo lugar. Em meados do século XIX as minas foram abandonadas novamente, para serem “redescobertas” nas primeiras décadas do século XX, quase cem anos depois do abandono. Os garimpos e os garimpeiros deste último período são o objeto de estudo desta pesquisa, a partir da qual foi escrito este artigo. Os garimpeiros estudados chegaram ao Gatinho entre as décadas de 1940 e 1950, vindos quase todos de estados do Nordeste do Brasil, principalmente da Bahia.

1 A CHEGADA AO GARIMPO

Os migrantes vieram de povoados e cidades pequenas do sertão. Nos garimpos eles se depararam com uma sociedade onde os costumes e o controle social eram diferentes dos costumes dos seus lugares de origem. Havia jogatina, bebidas e muitas “raparigas” nos cabarés.

Em 1945, quando seu A.R. chegou aos garimpos de Mato Grosso, junto com seu pai, ele se deparou com um mundo desconhecido para ele. Gente de toda a parte, a maioria homens, “todos armados”, e mulher “quase só rapariga”. Tinham poucas famílias. Tinha muita mulher, mas não para casar. Era quase tudo “rapariga”. Só depois que foi chegando mulher de família, para poder casar. A mulher de família, nesta sociedade, representava as normas e a continuidade/reprodução dos valores.

Quando foram para o garimpo, os migrantes esperavam que um dia iriam bamburrar, conseguindo muito dinheiro, como nunca tinham visto. Para o garimpeiro, o diamante era um “fetiche” (MARX, 1978, p. 36). A pedra de diamante possuía a qualidade mágica de poder comprar todas as mercadorias, disponíveis, inclusive homens e mulheres. Principalmente as mulheres. Os garimpeiros veem no diamante mais que um simples valor de troca. Dizem que ele tem parte com o “cão” (demônio), podendo trazer maldição.

Quando bamburravam os garimpeiros acreditavam que tinham que gastar o dinheiro. E o lugar de gastar com os amigos era na zona, o lugar da farra, da gastança. Quando faltava dinheiro o garimpeiro utilizava o diamante ou pepitas de ouro como moeda de troca. Depois de uns dias, voltavam para a cátreia. Era o recomeço.

Os migrantes que foram para os garimpos saíram de seu local de origem devido a fatores como a seca, a pobreza e a estrutura fundiária. Mas há, entre os entrevistados, alguns filhos de fazendeiros, de comerciantes, de profissionais que trabalhavam por conta própria. Alguns migraram fugindo de uma vingança, ou da justiça. Havia homens que “desonravam” e abandonavam as moças e fugiam para os garimpos escapando de um possível casamento forçado, ou da vingança dos pais e parentes. Alguns eram pistoleiros ou jagunços de fazendeiros, que fugiam para não morrer. A ética que fazia parte do “código de honra” do sertão acompanhava quem fugia e quem o perseguia, mesmo depois de percorrer centenas e centenas de quilômetros, e de ter se passado muito tempo. O código do sertão atravessa o espaço e o tempo.

Alguns migravam para fugir da autoridade paterna, para conquistar a liberdade que não tinham. “Seu” A.A. veio para Mato Grosso porque, segundo seu depoimento, ele “via aquele pessoal sair, sair, e ele lá. Eu disse, eu preciso dar uma saída também. E eu no cabresto de meu pai toda vida, até os 21 anos”. Quando completou 21 anos, “seu” A.A. saiu de casa, juntando-se a uma caravana que vinha para Mato Grosso. Ao sair ele matou simbolicamente o pai que o prendia no cabresto. Foi a sua libertação. Como prometera para o pai, “quando interou (sic) 30 anos que eu fui lá, ele já estava morto” (Depoimento de “seu” A.A.).

Entre os que saíam, estavam também aqueles que fugiam da seca, do coronel, do latifúndio e tudo o que estes representavam para os sertanejos. Eles iam à procura de uma vida melhor, para “aventurar” e “enricar”.

O pai de “seu” J.B. tinha fazenda, armazém, roça, engenho de cana e tropa de burro para transportar os produtos para a cidade. Apesar desta situação econômica, “seu” J.B. se juntou com mais dois companheiros para viajar para os garimpos de Mato Grosso, porque “diziam que lá dava diamante de mão cheia”.¹

“Seu” J.B. utilizou a rede de parentesco para se apoiar. “Eu tinha um tio que morava no Alto Araguaia. Então me baseei, era o marco de referência era meu tio. Eu vinha com intenção de garimpar” (Depoimento de “seu” J.B.).

¹ Os documentos portugueses utilizam frequentemente a expressão: dava ouro a “*mancheias*”.

No deslocamento e direção ao Norte, para os garimpos grandes, parte dos homens casados veio só, para buscar a família depois.² Os homens solteiros vinham nas caravanas, acompanhando parentes ou conhecidos. Entre as mulheres que vinham algumas eram prostitutas. Alguns entrevistados disseram que elas “vinham tocadas”, acompanhando as caravanas.

Por meio das entrevistas procurou-se reconstituir a vida dos depoentes, apelando para “a experiência subjetiva dos entrevistados”. Tão importante quanto identificar os maus momentos, é importante identificar a saída das situações difíceis que, em geral, estão relacionadas com a questão financeira.

Bertaux (1979, p. 10) define as trajetórias a partir de “uma relação entre a origem dessas trajetórias, isto é, o lugar na estrutura de classe da família onde a pessoa nasce, e o perfil da trajetória posterior”.

Silva (1979, p. 72; 1994, p. 65-100) diz que ao negar a mobilidade social, insistindo no conceito de fixação nas estruturas de fixação sociológica, Bertaux sugere a idéia de destino, de determinação, de caminho em linha reta.

Segundo Silva (1994, p. 73), deve-se considerar que a ação dos indivíduos é caracterizada por um conjunto de elementos que não são apenas estímulos-respostas frente a uma situação dada, como também criações e invenções. A criação e a invenção pressupõem vontade, desejo, aspirações, imaginação, fantasia e ilusões. Esses elementos imateriais invisíveis estão presentes na ação humana.

Quase todos os garimpeiros de Alto Paraguai eram filhos de agricultores. Entre os mais velhos, quase todos, nasceram em estados do Nordeste, de onde foram expulsos pela seca, pelo coronel e pela pobreza. A viagem rumo aos garimpos de Mato Grosso, através do sertão demorou semanas e até meses. Eles viajavam a pé, montados em jumentos, de barco pelo São Francisco, no trem do sertão. Depois de uma longa viagem, eles chegaram aos garimpos do Garças, de Guiratinga, de Poxoréu e do Gatinho.³ Eles sonhavam enriquecer. Mas o sonho da riqueza fácil só poderia se concretizar se achassem uma pedra de diamante de boa qualidade ou de bom tamanho.⁴

² Muitos destes homens, depois de anos sem pegar uma pedra boa, abandonaram a família. Em geral eles se “amigavam” com outra mulher no garimpo. Vinham os filhos, o tempo passava, e ele não voltava mais para suas famílias anteriores.

³ Estes garimpos de diamante, situados em Mato Grosso, surgiram nas primeiras décadas do século XX.

⁴ O valor de um diamante depende de vários fatores objetivos: tamanho, peso, cor, formato. E alguns subjetivos, segundo critérios do comprador.

2 HERANÇA E TRAJETÓRIA SOCIAL

Propomos averiguar como os filhos e os netos de homens pobres, analfabetos, sofreram uma mobilidade social ascendente no espaço de uma ou duas gerações.

Muitos entre eles mudaram suas trajetórias sociais por meio do estudo. Eles fizeram cursos profissionalizantes no ensino médio e cursos universitários, possibilitando uma mobilidade social ascendente.

Para entender a mobilidade social, correlacionada com a escolaridade, recorri a alguns autores que estudaram esta questão.

A partir de um estudo enfocando a origem social e a trajetória social de um grupo de agricultores franceses, Bertaux (1979) verificou, no grupo estudado, que a “mobilidade social” é muito pequena ou quase nula. Ou seja, um filho de agricultor será agricultor e seu filho também será agricultor, como o pai. Esta pesquisa concluiu que as pessoas permanecem em suas classes sociais de nascimento, ou delas não se distanciam muito, ou seja, a posição social é herdada.

Para Bourdieu (1998, p. 41), a herança cultural é responsável pelas diferenças iniciais das crianças frente ao êxito e à experiência escolar. “Cada família transmite aos seus filhos [...] certo capital cultural e certo ethos – um sistema de valores implícitos interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar”.

O conceito de desigualdade subentende que estamos comparando coisas da mesma natureza. A ideia da desigualdade de oportunidades escolares se funda na “ideologia meritocrática”, a qual entende que “uma sociedade justa e boa é uma sociedade que dá a todos oportunidades iguais. No ponto de chegada, que ganhem os melhores” (BERTAUX, 1979, p. 44). Segundo o autor, a ênfase na “desigualdade de oportunidades” desvia a atenção do essencial, “as diferenças estruturais de condição, como resultantes da estrutura de classe”.

Segundo Bertaux (1979, p. 45), “ou a igualdade de oportunidades traz consigo a igualdade de condições”, ou então, “a desigualdade de condições, a curto prazo, leva à desigualdade de oportunidades”.

Para substituir a perspectiva da “desigualdade de oportunidades”, Bertaux (1979) propõe a ideia de “processo antroponômico”, considerando que o conceito de mobilidade é muito limitado para “pensar o conjunto de fenômenos de distribuição dos indivíduos na estrutura social”. Segundo Bertaux (1979, p. 56), o conceito de “distribuição antroponômica”

é entendido como a distribuição dos seres humanos nos níveis e lugares definidos pela estrutura de classe. Ou seja, de onde e para onde os seres humanos são distribuídos. O importante é a “posição na estrutura de classe”.

Na década de 1960, atribuíu-se ao “aparelho escolar” o papel principal na reprodução das relações de produção⁵ (BERTAUX, 1979, p. 52; BOURDIEU; PASSERON, 1982). Apesar da relativa importância da escola, na opinião de Bertaux (idem, p. 53), ela “tem um papel secundário na reprodução das relações de produção, [...] por ser uma corrida de obstáculos, que elimina aos poucos”. A relação que é diretamente responsável pela relação capital/trabalho é a “instituição da herança”. Bourdieu (1998) enfatiza a importância da família na determinação do capital cultural, sucesso escolar, diploma, profissão e posição social. Segundo esta concepção, as famílias e o meio social de origem dos jovens, os marcam profundamente, não do mesmo modo, mas de acordo com a origem social.

A instituição familiar, como estrutura de controle recíproco, se torna um “aparato de enquadramento”. A criança, ao nascer, encontra uma divisão de tarefas demarcada no interior da família trabalhadora. As tarefas domésticas correspondem à mãe, a tarefa de ganhar o dinheiro para a casa corresponde ao pai. O nascimento do filho reforça e fixa definitivamente essa divisão das tarefas, impondo definitivamente o modelo familiar.

3 A POSIÇÃO SOCIAL CONQUISTADA

Battagliola et al. (1991) admitem que a origem social e familiar tem um peso importante na “fabricação” das trajetórias individuais. Mas ela considera que fatores como a educação, a migração e o casamento, podem modificar a trajetória individual. Sua análise supera o “determinismo” da herança familiar proposto por Bertaux. A partir do conceito de “trajectoire social”, entendido como “o encadeamento temporal das posições sucessivamente ocupadas pelos indivíduos nos diferentes campos do espaço social”. Conclui-se que a posição social não é estática, e que os indivíduos, a cada momento de sua existência, ocupam simultaneamente várias posições “resultantes dos seus lugares nos campos profissional e familiar”. Com o tempo estas posições “se deslocam, se redefinindo em um ou vários campos, traçando assim uma trajetória social constituída de um feixe de itinerários” (BATTAGLIOLA et al., 1991).

⁵ Sorokin (apud Bertaux, 1979, p. 52) propôs a ideia das “instituições de orientação”: família e escola. Althusser retorna à mesma ideia utilizando um vocabulário marxista, atribuindo ao “aparelho escolar” o “papel dominante”.

Mesmo considerando a posição social do indivíduo como a resultante de um “feixe de itinerários”, contudo, Battagliola et al. (1991) atribuem uma grande importância à família na fabricação da trajetória social.

As famílias de origem, como lugar inicial de socialização, contribuem para orientar os itinerários, dotando os indivíduos de recursos sociais. A trajetória profissional depende da educação escolar que é, em parte, determinada pelas capacidades da família “para dotar suas crianças educacional e socialmente” (BATTAGLIOLA et al., 1991, p. 18).

Os itinerários individuais “se enraízam na família de origem”, lugar inicial de produção das trajetórias, através dos processos de transmissão dos recursos sociais. Porém, os indivíduos não herdam passivamente. Em geral, eles “utilizam os recursos herdados na construção de sua própria trajetória individual e familiar” (BATTAGLIOLA et al., 1991).

As trajetórias individuais e familiares evidenciam que muitos filhos e netos de garimpeiros de Alto Paraguai conseguiram uma mobilidade social ascendente graças ao acesso à educação escolar. Apesar de que grande parte das famílias de garimpeiros não tivessem condições econômico-financeiras suficientes para oferecer aos seus filhos uma boa educação escolar, contudo, muitos de seus filhos romperam este obstáculo, estudando com grandes sacrifícios.

As histórias de vida narradas pelos depoentes entrevistados mostram que a família de origem constitui um espaço social de inter-relações capazes de modificar os percursos. A herança familiar é importante, mas não determina a trajetória individual. A escolarização, a profissionalização, o casamento, podem “fabricar a trajetória” individual, escapando do “determinismo da herança”. Os filhos de compradores de diamante, de comerciantes e do médico, tiveram mais facilidades para estudar frequentando escolas de melhor qualidade.⁶ As famílias que não tinham recursos financeiros suficientes utilizaram estratégias como a rede de parentesco, extrapolando o âmbito da família nuclear. Sobre tudo os filhos de garimpeiros mais pobres dependiam da rede de parentesco e da solidariedade familiar para estudar. Algumas filhas eram acolhidas por parentes ou conhecidos em outras cidades, onde tinham acesso a escolas melhores. Elas retribuíam a hospedagem “ajudando” nos serviços domésticos.

Alguns, mesmo tendo uma situação financeira estável, como “seu” Pedrito, que era comprador de diamantes, utilizaram a “rede de parentesco”. Seus filhos estudaram em Salvador e no Rio de Janeiro, se hospedando nas casas das tias (Depoimento de “seu” Pedrito).

⁶ Os filhos das famílias mais abastadas que podiam estudar fora iam principalmente para Cuiabá, Goiânia, Juiz de Fora, Rio de Janeiro e São Paulo. Muitos se hospedavam em casas de parentes e outros nas “pensões familiares”, algumas destinadas preferencialmente para estudantes.

Para as famílias de garimpeiros mais pobres, as dificuldades e os sacrifícios eram maiores. A não ser que alguma pessoa da família bamburasse, era difícil manter os filhos estudando, mesmo na escola pública em Alto Paraguai. Era preciso comprar uniforme, calçados e material escolar. Eram gastos significativos para quem não tinha um rendimento regular. Sem contar que, enquanto o filho estava na escola, deixava de “ajudar” no garimpo. Como o resultado do trabalho no garimpo é incerto e instável, algumas mulheres, para garantir o essencial em casa, faziam bolos e salgados, que seus filhos vendiam na rua. Outras trabalhavam como funcionárias públicas, ou lavavam “roupa de ganho”.

Em Alto Paraguai, até a década de 1960, poucas mulheres trabalhavam fora, com emprego fixo, por falta de qualificação e falta de empregos. Com a criação do curso de magistério, muitas mulheres se tornaram profissionais na área de educação.

4 AS REDES DE PARENTESCO E DE SOLIDARIEDADE: APOIO NA TRAJETÓRIA SOCIAL DOS INDIVÍDUOS

A “rede de parentesco” é um recurso que pode ser mobilizado pelos indivíduos nos momentos de dificuldade, mas também “pode entrar um projeto de afastamento do meio social de origem”, quando este indivíduo é muito importante economicamente para o grupo. Em geral se entende por ajuda familiar a ajuda material, sob a forma de serviços ou de um bem material. Contudo, muitas vezes, quando uma família enfrenta um acontecimento difícil, como uma doença prolongada, ou na velhice, é fundamental a solidariedade familiar.

“Seu” Francisco, natural de Sergipe, depois de muitos anos no garimpo, conseguiu pegar uma boa pedra. Bamburrou. Com o dinheiro da pedra ele poderia ter comprado uma fazendinha, ou gasto em farras. Mas ele preferiu ajudar toda a família, buscando a mulher e os filhos em Sergipe, além dos parentes. Ao todo eram dezesseis pessoas. Ele abrigou a todos em sua casa durante vários meses, até que cada um se arranhou (Depoimento de “seu” A.R.).

“Seu” João e um grupo de amigos saíram da Bahia a cavalo. Depois de 45 dias chegaram a Santa Rita do Araguaia, onde morava um tio seu que era a referência que ele tinha. Este tio foi o seu ponto de apoio para ele iniciar a vida em Mato Grosso (Depoimento de “seu” João B.).

Em casos de doenças, nascimentos, mortes, a solidariedade costuma ser maior. Os pobres têm as portas sempre abertas para ajudar a quem precisa. Para muitas pessoas a rede de parentesco e a solidariedade são a condição para mudar uma trajetória.

Para outros, a escolaridade, com o suporte da rede de parentesco, interfere na trajetória individual. O apoio da rede de parentesco e de solidariedade é recorrente entre as famílias pobres. Estudos sobre a circulação de crianças mostram que muitas vezes as redes de parentesco têm preponderância sobre as relações da família nuclear (Fonseca, apud Rizzini, 1993, p. 114-131).

A apreensão/percepção da solidariedade e da rede familiar foi possível por meio de conversas informais que possibilitaram conhecer com profundidade algumas famílias. Os exemplos utilizados no texto são de famílias que foram visitadas várias vezes, para aplicação do questionário biográfico, para as entrevistas, e repetidas visitas informais, algumas apenas para tomar um cafezinho. Nestas visitas a conversa sobre o garimpo retornava espontaneamente, sem o constrangimento de um gravador, ou de um caderno de anotações.

5 A MOBILIDADE SOCIAL DOS FILHOS E NETOS DE GARIMPEIROS

A pesquisa possibilitou constatar a mobilidade social ascendente, na segunda e na terceira gerações dos filhos de garimpeiros. Esta mobilidade social se deve sobretudo à escolarização. O espaço social percorrido de uma geração a outra, no universo pesquisado, em alguns casos, é muito amplo. “Seu” A.B., originário da Bahia, foi garimpeiro, gerente de garimpo e comprador de diamante. Os filhos mais velhos não tiveram a possibilidade de estudar fora, porque a situação econômica de “seu” A.B. não o permitia. Quando o filho mais novo estava cursando o ensino médio, “seu” A. B. era comprador de diamantes, estando em uma situação econômica que permitiu enviar o filho para estudar em outro estado, onde concluiu o ensino médio e posteriormente o curso de Medicina. Mas apenas o filho mais novo teve esta possibilidade.

Entre os garimpeiros de Alto Paraguai há inúmeros casos de filhos que, graças à rede de parentesco, às oportunidades educacionais e ao esforço pessoal, superaram as dificuldades herdadas da família. A escolarização e a profissionalização possibilitaram o acesso a um emprego com melhor salário que tornou possível uma mobilidade social ascendente.

A rede de parentesco, que possibilitou que estas meninas estudassem na cidade, associada ao esforço das mesmas para “se formar”, explicam as diferenças entre a trajetória social dos que saíram, e dos que continuaram no garimpo.

Os que saíram não “herdaram” a ocupação/profissão do pai, ou da mãe. Eles romperam o círculo, fabricando suas próprias trajetórias sociais. Uma parte dos que permaneceram no garimpo tiveram uma mobilidade social menor, ou permaneceram na mesma posição social dos pais.

Os exemplos mostram que a herança familiar não é determinante, como propõe Bertaux, embora tenha uma influência significativa. Os filhos de famílias abastadas têm uma situação privilegiada, herdada da família, possibilitando algumas vantagens iniciais em relação aos filhos de garimpeiros cuja situação socioeconômica é mais precária. De outra parte, a escassez de recursos financeiros e as dificuldades iniciais não impediram que muitos filhos de garimpeiros pobres conseguissem estudar e se profissionalizar. Como era mais difícil para um filho de garimpeiro estudar fora, muitas famílias, sobretudo as mães, mobilizaram todos os recursos familiares possíveis para possibilitar o estudo dos filhos. Não se pode generalizar a afirmativa de Bourdieu de que “desde o começo, a carta está marcada”. Nem dá para dizer, parafraseando Bertaux, que “o filho do garimpeiro, será garimpeiro”.

O pano de fundo desta situação são as condições estruturais. As ações não resultam somente de uma vontade subjetiva, independente, mas da interação entre sujeito e estrutura.

O camponês migra do sertão para os garimpos fugindo da estrutura social que o marginaliza, na esperança de encontrar uma pedra de diamante. Quando ele encontra um diamante, em geral ele gasta tudo em farras com os companheiros. Para a maioria deles, o trabalho no garimpo alterna períodos de “sorte” com períodos de “azar”, de carência, e de fartura e gastança. O garimpeiro vive o presente. Quando ele tem dinheiro é para gastar, para usufruir, sem pensar no futuro. Quando está sem dinheiro, ele alimenta a esperança de que “pegará” outra pedra. Para ele tudo está escrito, de acordo com a vontade de Deus, ou do destino.

Alguns garimpeiros mais velhos que “pegaram” pedras que valiam muito sofreram uma mobilidade social ascendente temporária. Depois de dissipar o que conseguiram a duras penas, quase todos voltaram à posição social anterior. Na velhice, muitos ex-garimpeiros sobrevivem com uma aposentadoria do Funrural, ou com o apoio dos filhos.

6 FAMÍLIA E TRABALHO

Agricultores pobres, garimpeiros, posseiros, sitiantes, quase sempre casam com mulheres do mesmo meio e do mesmo nível social. Esta pesquisa constatou alguns casos de casamentos “heterogâmicos” no universo dos garimpeiros⁷. Alguns casaram com filhas de fazendeiros goianos e mineiros, do leste de Mato Grosso. Mas analisando a origem social de alguns destes garimpeiros, constata-se

⁷ O casamento heterogâmico ocorre entre pessoas de níveis sociais diferentes.

que eles também eram filhos de fazendeiros ou de comerciantes. Suas biografias mostram que eles tinham um nível social equivalente ao das mulheres com quem se casaram.

Entre as famílias de garimpeiros, em que é o homem quem decide tudo, a trajetória social da mulher está condicionada à trajetória social do marido. O casamento, em geral, afeta mais a posição social da mulher⁸.

A morte do marido é um dos acidentes familiares que podem mudar a trajetória de uma mulher casada, aumentando a precariedade do grupo familiar. Sem profissão, com os filhos pequenos, ela tem que trabalhar fora para sobreviver. Para uma mulher sem qualificação profissional, as alternativas de trabalho no garimpo são poucas: lavar “roupa de ganho”, doméstica, vender “salgados” e, às vezes, se prostituir. A mulher solteira ou casada que “se perde”, quase sempre, tem que mudar radicalmente a sua trajetória. Ou ela é “tocada” do lugar onde vive, ou então fica no mesmo lugar, mas vai morar na zona. Quando estas mulheres tinham filhos, elas os entregavam para a avó materna. Agapita, que trabalhou na zona de Alto Paraguai por muitos anos, teve um casal de filhos, os quais moravam com sua mãe, mas era ela quem os sustentava (Depoimento de dona Agapita, em Alto Paraguai).

Durante a viagem da Bahia para Mato Grosso, o pai de “seu” Quincas morreu de febre amarela, em Goiás. Sua mãe tinha três filhos, o mais novo com quatro meses, e o mais velho, com apenas 8 anos. Para garantir a sobrevivência dos filhos, sua mãe costurava em uma máquina alugada, pagando “a meia” pelo uso da mesma. No final da entrevista, comovido, ele afirma: “se não fomos derrotados, por outro lado também não fomos vencidos” (Depoimento de “seu” Quincas, Arenápolis, MT).

Em Alto Paraguai, no início, as mulheres de família eram “do lar”. Tinham muitos filhos e muito trabalho. O marido era o provedor. Raramente a mulher trabalhava fora de casa.

Entre as famílias pobres, que eram a maioria, as meninas começavam a trabalhar muito cedo. Como precisavam “ajudar” as mães nas tarefas da casa, sobrava pouco tempo para estudar. Uma delas, filha do garimpeiro A.R., contou que enquanto passava roupa, com um “ferro de brasa”, “cantava” os “pontos” em voz alta para decorar com mais facilidade.

A partir de 1970, muitas mulheres cursaram o ginásio e o “normal” (magistério). Estas mulheres se tornaram professoras e funcionárias de repartições públicas. Contudo, elas continuaram com os encargos domésticos.

⁸ Battagliola et al. (1991) utilizam o termo “hétéronomie” para definir os casamentos entre pessoas de classes sociais diferentes. A mobilidade social decorrente da hétéronomie, tanto pode ser ascendente como descendente.

O salário da mulher que trabalha fora, numa família garimpeira, muitas vezes, é o único dinheiro que entra durante vários meses. Este salário possibilitava uma relativa autonomia e segurança da família do garimpeiro em relação ao armazém, onde costumavam comprar fiado.

Ao contrário do itinerário profissional das mulheres, os itinerários profissionais dos homens são “menos diretamente afetados pela vida familiar”, visto que eles não têm os encargos domésticos como obrigação.

7 O TRABALHO DA MULHER NO GARIMPO

A mulher, além das tarefas domésticas, “ajuda” o marido, em outras atividades. Nas entrevistas, alguns garimpeiros disseram que a mulher não trabalhava, só “ajudava” em casa. A “ajuda” compreendia as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos. As mulheres que não tinham um emprego lavavam roupa para fora (“roupa de ganho”), costuravam para os filhos e para fora, faziam bolos e salgados para vender.

Marina Maluf (1995) lembra que “é do senso comum falar do trabalho da mulher como atividade auxiliar, prestando auxílio ao marido. Auxiliar é prestar ajuda a alguém que está fazendo algo mais importante. Isto é, o trabalho auxiliar é um trabalho sem o mesmo grau de relevância”. Segundo a autora, termos como ajuda, auxílio e abono são frequentes nas lembranças com que ela trabalha. É o trabalho invisível combinado à ampla jornada de trabalho⁹.

Na economia de mercado globalizado, o trabalho informal doméstico não conta. As mulheres que trabalham em casa não aparecem como “economicamente ativas” (FORRESTER, 1997, p. 16). Segundo Marx (1987, p. 384) o capital considera como trabalho produtivo o trabalho que cria mais-valia, ou seja, o trabalho que reproduz o capital. Como o trabalho da mulher, o trabalho antropológico, não cria valor, não é trabalho produtivo.

No garimpo, quando o marido não pegava diamante, quase sempre era a mulher quem garantia a alimentação da família, vendendo sua força de trabalho, ou produzindo alimentos para vender.

A mulher do garimpeiro era, sobretudo, uma “dona de casa”. No contexto do garimpo, o trabalho relativo à casa era de responsabilidade exclusiva da mulher. O trabalho fora de casa, para ganhar dinheiro, é de responsabilidade do homem, que “tinha a obrigação de botar a comida dentro de casa”. Mas em determinados períodos o garimpeiro não consegue prover o sustento da família.

⁹ Battagliola et al. (1991) usam a expressão “aíde familiar” para expressar como é considerado o trabalho da mulher em casa, ou nas empresas familiares.

O trabalho da mulher no interior da casa possibilita ao homem trabalhar no garimpo, às vezes permanecendo longos períodos fora de casa. Na ausência do marido, aparece o trabalho da mulher, que passa a sustentar a família. As mulheres dos homens que migravam para o garimpo, principalmente do Nordeste, ficavam meses e até anos sem ter notícias dele que, em alguns casos não voltava mais.

A mãe de “seu” Quincas, depois da morte do marido, sustentou os filhos costurando para fora. O filho mais velho, com oito anos, trabalhava nas fazendas, carpindo e guiando carro de boi.

Dona J.S.R., nos períodos em que seu marido não pegava nada no garimpo, fazia bolos e salgados que os filhos vendiam na rua e no garimpo. Costurava a roupa dos filhos, e ainda lavava “roupa de ganho”. Nas festas fazia assados para vender. Mais tarde conseguiu um emprego no ginásio estadual, que lhe garantiu um salário fixo.

8 ESCOLARIDADE E TRAJETÓRIA SOCIAL

Muitas pessoas que não puderam estudar por razões econômicas, ou familiares, querem que seus filhos escapem aos constrangimentos que os levaram a trabalhar muito cedo. Para isto estes pais desenvolvem estratégias para que seus filhos possam estudar.

Em Alto Paraguai poucos filhos herdaram dos pais terras, gado ou capital. Apesar disso, muitos estudaram e se profissionalizaram, sofrendo uma mobilidade social ascendente.

Quase todos os entrevistados consideram o estudo como “a chave” que abre as portas para um futuro melhor. Os mais velhos dizem que os filhos devem estudar para que não precisem trabalhar como eles. Para os garimpeiros, trabalhar é pegar na picareta. As atividades que não exigem esforço físico não são trabalho, mas “emprego”.

“Seu” Pedrito teve seis filhos, quatro homens e duas mulheres. Dois são engenheiros. As filhas também estudaram. Segundo seu Pedrito, as filhas “tiravam o ginásio, e pronto. Não tem especialidade não”. De acordo com a mentalidade da época, “naquele tempo”, as filhas não precisavam ir além do ginásio, porque não precisariam trabalhar fora. Cabia ao marido a responsabilidade de prover o sustento da casa (Entrevista de “seu” Pedrito, 89 anos).

O entrevistado herdou uma posição social melhor que a maioria dos garimpeiros. Ele fez o “curso primário” na Bahia, um privilégio na época. Seu pai era “artista alfaiate”. Como comerciante e comprador de diamante, “seu” Pedrito tinha um status social elevado no garimpo.

A análise da correlação entre escolaridade e mobilidade social na família de seu A.R. mostra uma mobilidade social ascendente entre os que estudaram. O pai era garimpeiro e a mãe doméstica, ambos semianalfabetos. As duas filhas têm curso superior. Dois filhos têm o ensino médio, e um tem primeiro grau incompleto. Cinco netos concluíram o curso superior e vários netos estão cursando o ensino médio e o ensino fundamental. Houve um aumento substancial do nível de escolaridade ao longo de duas gerações, possibilitando uma mobilidade social ascendente.

9 MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DAS TRAJETÓRIAS

Uma das dimensões constitutivas da trajetória social é a dimensão espacial. Os constantes deslocamentos espaciais podem ter impactos muito variáveis, positivos e negativos, sobre as trajetórias dos garimpeiros.

Os deslocamentos afetam diferentemente as trajetórias individuais e familiares. Entre os nordestinos que migraram para os garimpos de Mato Grosso, predominavam os homens. Os casados que vinham sós, vinham com o propósito de buscar a mulher e os filhos assim que pegassem uma pedra boa. Mas muitos nunca mais voltaram, rompendo os vínculos com a família de origem. Quando vinham com a família, muitas vezes vinham também parentes, próximos e distantes. As pessoas migram com o objetivo de “uma melhora de vida”.

O fracasso corresponde à falência deste projeto. É por isso que muitos migrantes não regressam enquanto não melhoram a situação financeira, com receio de serem considerados como fracassados, falidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sonhos e as ilusões do garimpeiro de bamburrar, de enricar, e voltar para sua terra natal para comprar uma fazenda, são representações sociais, elementos constitutivos do real. Segundo Bertaux (1979, apud SILVA, 1994, p. 73), a ilusão é necessária, existindo uma base real para ela.

A “herança familiar” é importante, mas não suficiente para explicar a trajetória social de um indivíduo. Battagliola et al. (1991) consideram outros fatores, como a escolarização, o casamento, as migrações, o esforço pessoal, os quais podem modificar a trajetória individual.

A escolarização, a migração e o esforço pessoal são fatores que interferiram na trajetória de muitos garimpeiros e, principalmente, na trajetória de seus filhos e netos. Para a maior parte deles, a família, com suas teias ou “redes de parentesco”, e as “solidariedades familiares” possibilitaram as migrações e o estudo dos filhos.

As redes de parentesco e de solidariedade são fundamentais para que um membro da família possa superar um momento difícil. Sem as redes de parentesco, as dificuldades seriam maiores e as suas trajetórias seriam outras. Mas nem a rede de parentesco, nem a solidariedade garantem a mobilidade social. Os itinerários dos indivíduos são definidos por um leque de situações objetivas e subjetivas, além dos elementos éticos, culturais e do imaginário. A trajetória do migrante é como a estrada que ele percorre. É cheia de obstáculos. Na busca da “pedra que brilha como estrela”, muitos ficaram pelo caminho. Outros “não venceram, mas também não foram vencidos”. Neste processo, houve momentos de tristeza e de extrema penúria e momentos de “bamburro”, com farras, bebidas e mulheres. Nesse percurso o garimpeiro e, principalmente seus filhos e netos, fabricaram suas trajetórias, que não foram pré-determinadas, nem marcadas pela herança.

Fatores pouco objetivos e pouco racionais, como os sonhos, as lendas sobre as riquezas do sertão, os enterros e a própria sorte modificaram a trajetória de alguns garimpeiros.

Apesar do objetivo de bamburrar para enriquecer, depois de décadas, muitos continuam tão pobres como no dia em que saíram de sua terra. Alguns melhoraram. Outros se satisfazem vendo seus filhos ascenderem socialmente, pelo estudo e pelo esforço pessoal e familiar.

Existe uma espécie de maldição neste processo em que pobreza e enriquecimento, trabalho e desperdício, embora polos contraditórios, são faces opostas de uma mesma moeda. A ética, o comportamento e as atitudes aparentes do garimpeiro são contraditórias. Ele não é anjo nem demônio. Ele é um e outro em momentos diferentes.

Segundo Bertran (1988), as representações sociais são elementos constitutivos do real, motivo pelo qual “a ilusão é necessária”. Foi a ilusão do “ouro a mancheias”, a ilusão do “bamburro” no garimpo que impulsionou levas de lavradores dos sertões do Nordeste para Mato Grosso. Foi também a ilusão que os manteve no garimpo por várias décadas, esperando um dia bamburrar. No fim da vida, setenta anos depois de ter chegado aos garimpos de Mato Grosso, “seu” Nozinho disse que “foi tudo ilusão”.

Para muitos filhos e netos, o garimpo é uma ilusão. Eles mudaram a trajetória por meio do esforço pessoal, do estudo, da qualificação profissional, os quais possibilitaram a mobilidade social que os pais e os avós não conseguiram. Eles descobriram que o seu futuro não estava enterrado no cascalho, mas nos livros e na escola.

REFERÊNCIAS

BARROZO, J. C. **Em busca da pedra que brilha como estrela: garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai-Diamantino, MT.** Cuiabá: EdUFMT; Carlini e Caniato, 2008.

BATTAGLIOLA, F. et al. **Dire sa vie: entre travail et famille.** La construction social des trajectoires. Paris: CNRS/CSU-IRESO, 1991.

BERTAUX, D. **Destinos pessoais e estrutura de classe.** Para uma crítica da Antropologia Política. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

BERTRAN, P. **História da terra e do homem no Planalto Central eco-história do Distrito Federal.** Do indígena ao colonizador. Brasília: Solo Editores, 1994.

———. **Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil.** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1988.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Ed., 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução.** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1982.

FONSECA, C. Criança, Família e desigualdade social no Brasil. In: RIZZINI, I. (org.). **A Criança no Brasil Hoje -** Desafio para o Terceiro Milênio. Rio de Janeiro, Ed. Universidade Santa Úrsula, 1993, p. 114-131.

FORRESTER, V. **O horror econômico.** Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1997.

MARQUES, F. T. **A “maldição” das ruas: o estigma do “pivete”.** 1997. 239f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 1997.

MARX, K. **El Capital. México,** Fondo de Cultura Económico, 1978.

———. **Manuscritos Econômicos de 1861.** Teoria da Mais Valia. São Paulo, Editora Bertrand Brasil, 1987, p. 384.

MENEZES, M. A. de et al. O retorno para a festa. **Travessia**, São Paulo, v. 3, n. 7, maio/ago. 1990.

SILVA, M. A. M. **As andorinhas, nem lá nem cá**. Araraquara-SP: UNESP, 1994. Vídeo.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Fundamentos da Sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 1991.

Depoentes

“Seu” Pedrito R. (outubro de 1995). Alfaiate, comprador de diamantes.

“Seu” Antônio R. Lavrador, garimpeiro e bolicheiro.

“Seu” Antônio A. Garimpeiro e funcionário público.

“Seu” Quincas. Garimpeiro, comprador de diamante e professor.

“Seu” João B. Gerente de garimpo, comprador de diamante e político.

Otávio. Garimpeiro e funcionário público.

Texto submetido à Revista em 21.04.2016

Aceito para publicação em 08.02.2017

